

Introdução

O futuro de Deus na missão da esperança cristã caracteriza-se como um trabalho de pesquisa dentro de uma perspectiva escatológica, que busca compreender a realização deste futuro de Deus como plena realização do ser humano e de toda a criação em Deus. Este futuro oferecido, gratuitamente, torna-se perceptível a nós, a partir de um movimento de Deus para o ser humano (e para toda a criação), confirmado de maneira plena e última em Cristo, através do qual o ser humano – portador da revelação divina – responde pela fé e passa a mover-se em esperança, sendo capaz de deixar transcender ao seu redor sinais concretos da presença amorosa de Deus, entendida nesta pesquisa como a missão da esperança cristã. A nossa proposta, que estaremos apresentando aqui, fortalece-se com a afirmação de Paulo em Primeira Coríntios que diz: “Para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para o qual caminhamos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e para quem caminhamos” (1Cor 8,6). Aquilo que procede em Deus Pai e que existe em Cristo e nos é antecipado pela sua ressurreição é o que entendemos como futuro de Deus; o nosso caminhar em direção a ele justifica-se pela missão da esperança cristã.

Esta missão que é resultante do futuro apresentado por Deus tem como objetivo anunciar a esperança no nosso contexto, bem como as consequências desta ação. No nosso entender, falar de esperança em termos cristãos é falar do futuro de Deus que estamos destinados e que nos foi revelado em magnitude pelo evento de Cristo; viver esta esperança é apoiar-se na fé do Cristo ressuscitado e crucificado, seguros e ativos no caminho apresentado por ele em prol do Reino de Deus, que se traduz, majestosamente, em vida e plenitude. Por essa razão, entendemos que, este futuro de Deus e tudo aquilo que o envolve é objeto da esperança cristã, motivando-a, a partir do que é experimentado na fé, a uma ação concreta no mundo atual, num autêntico amor criativo, ou seja, a uma missão.

O fato de apresentarmos o futuro de Deus na missão da esperança faz-nos compreender que este futuro resulta daquilo que foi prometido e querido por Deus

em toda a história da salvação e de maneira plena e última em Cristo. É possível percebermos também que a esperança que nos move e que nos coloca em missão responde a promessa divina; vem como consequência de seu chamado e de sua revelação última. De acordo com a Carta aos Hebreus: “Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos” (Hb 1,1-2).

Dentro desta visão salvífica¹, vivenciada na fé, aquilo que Deus fala e aquilo que ele traz à sua criação, ao revelar a essência do seu ser, são desígnios de sua vontade, cujo fim último tende a levar *tudo à sua plenitude* (cf. Ef 1,10). Diante deste quadro, o ser humano, como destinatário desta revelação e atuação de Deus, não é um ser passivo a espera deste futuro, mas alguém ativo, que se motiva e participa desta ação de modo direto, pois é chamado por Deus e iluminado pelo seu Espírito para anunciar a razão de sua esperança no mundo em que vive (cf. Rm 4,18). Só assim ele pode afirmar, ao modo da Carta aos Romanos que diz, “a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). Nas palavras do Papa Bento XVI, “esperança em ato”².

Partindo deste ponto, observamos, primeiramente, que o raciocínio proposto neste trabalho encontra reflexo em toda a tradição cristã, que se desenvolve a partir da concepção de um Deus que se revela e que mostra a sua face, deixando-se conhecer; um Deus que vem ao nosso encontro e, aproximando-se, caminhando conosco e, tornando-se igual a nós (cf. Fl 2,7), aponta para uma realidade além de nós mesmos e nos promete um futuro, o futuro do Reino de Deus, um futuro junto ao próprio Deus. Neste futuro somos convidados a participar pelo seguimento de Jesus, assumindo a sua vida e o seu destino.

¹ Colocamos o termo *salvífica(o)* a partir da compreensão de Deus, que como criador vem até a sua criatura, assume-a em Cristo e a eleva na comunhão divina e criadora. Não entendemos o termo salvífico apenas na redenção de uma falta ou como consequência do pecado humano, mas sim como ato amoroso de Deus em relação a sua criação, que nos abençoa em Cristo, que nos escolhe e nos predestina antes da criação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis diante dele (Cristo) no amor, que nos predestinou para sermos seus filhos adotivos para louvor e glória da sua graça, para chegar do tempo à plenitude (cf. Ef 1,3-14). Nesta perspectiva, indicamos a seguinte bibliografia: QUEIRUGA, A. T. *Recuperar a salvação*, 2005.

² BENTO XVI. *Spe salvi*, n. 35. Todas as citações de Encíclicas papais e Exortações apostólicas citadas no transcorrer deste trabalho trarão como referência o número do artigo onde se encontram localizadas, permitindo, desta forma, a sua localização em qualquer edição, editora, ou por meio eletrônico no site do Vaticano: <<http://www.vatican.va>>.

De acordo com Medard Kehl,

quando seguimos a Jesus e assumimos todo o seu destino, esperamos o futuro, ainda ausente, do Reino de Deus, anunciado por ele como uma realidade atual e que atua, permanentemente, em nós por meio do seu Espírito. Neste futuro consiste a transformação de toda a história humana com seu entorno natural e cultural; a harmonização definitiva da realidade humana, social e natural no Reino de Deus *consumado* é o objetivo de nossa esperança³.

Esperar este futuro ainda ausente e se lançar no seguimento de Jesus e, junto a isso, empenhar-se na proposta de Reino anunciada por ele é, com certeza, um sinal concreto da esperança que se realiza em missão. É algo que só se torna possível pela ação do Espírito, derramado em nós pelo amor de Deus que nos chama e que nos atrai, fazendo-nos sentir já no momento presente este *kairós* transformador e anunciador do futuro. Ao colocar-se em missão no seguimento de Jesus e do seu Reino, visualizamos que o futuro esperado e almejado só pode ser traduzido, segundo Medard Kehl, em “transformação de toda a história humana com seu entorno natural e cultural; a harmonização definitiva da realidade humana, social e natural no Reino de Deus”⁴. Este é o Reino de Deus consumado, portanto, objeto de nossa esperança.

Tal atitude apontada acima produz em nós uma experiência de inquietude, a ponto de gerar uma força capaz de romper com o presente e lançar-se ao futuro prometido: “Fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”⁵. Esta frase de Agostinho liga-se, totalmente, a frase de Efésios, que usamos acima, que nos predestina à plenitude (cf. Ef 1,10). Entendemos que, o autor que estudaremos neste trabalho – Jürgen Moltmann – também percebe desta maneira, pois ele diz que “a fé que se desenvolve em esperança, não traz quietude, mas inquietude; não traz paciência, mas impaciência. Ela não acalma *o cor inquietum*, mas é esse *cor inquietum* no ser humano”⁶. Esta é a maneira como Jürgen Moltmann entende a esperança e a missão que se desenvolve a partir dela, que tem, segundo ele, no futuro de Deus o principal objetivo da teologia⁷.

A grande novidade da proposta cristã é que todo este futuro prometido já se encontra realizado no Cristo ressuscitado, o *Éschaton*, o último, aquele para o

³ KEHL, M. *Escatología*, p. 215. Tradução nossa.

⁴ Ibid.

⁵ AGOSTINHO, S. PL, *Confissões*, I, 1, 1.

⁶ MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança*, p. 36. Grifos nossos.

⁷ Cf. Ibid., p. 30.

qual a nossa esperança se destina e cujo futuro ela anuncia. Neste *instante escatológico*⁸, o ressuscitado vem e antecipa-nos o seu futuro, revelando-nos a ação de Deus e convidando-nos a participar deste *novum* que se aproxima⁹. Desta maneira, a esperança cristã se movimenta a partir de algo que pode ser vivido e experimentado pela fé. Portanto, a esperança cristã conhece a realidade da ressurreição e nos anuncia o seu futuro, antecipando no contexto presente a visualização do que foi prometido¹⁰. A partir da experiência com o ressuscitado esta promessa de futuro que Deus nos faz não nos torna passivos, mas ativos, pois somos convocados, chamados, enquanto Povo de Deus, como *ekklesia*, a uma missão neste mundo, a missão da esperança cristã.

Para esta missão o ressuscitado não representa alguma coisa fora deste mundo, de maneira separada deste. Ao contrário, a experiência do ressuscitado ilumina o caminho do crucificado e nos propõe um seguimento. A luz da ressurreição ilumina a cruz e a enche de conteúdo escatológico. Moltmann diz que “presente e futuro, experiência e esperança se contradizem na escatologia cristã, de modo que, por meio dela, o ser humano não chega à correspondência e à harmonia com o presente, mas é impelido para o conflito entre esperança e experiência”¹¹. Há aqui uma contradição que movimenta a esperança: a fé no futuro prometido e a realidade a qual nos encontramos. Moltmann dirá que “é nesta contradição que a esperança deve mostrar a sua força”¹². De acordo com a teologia paulina e aqui assistida, é dar razões da sua esperança (cf. Rm 4,18).

Resgatando o que já foi exposto acima podemos afirmar então que a missão da esperança cristã que pretendemos apresentar e aprofundar neste trabalho aparece para nós como uma ação segunda, pois ela é resultante do futuro prometido por Deus para toda a sua criação. Por isso, acentuamos o título de nossa tese: *o futuro de Deus na missão da esperança cristã*. A esperança, como força desta missão, projeta-se ao futuro prometido transformando tudo o que existe em

⁸ Moltmann difere bem o *instante escatológico* do momento *kairós*. Para ele, o *kairós* traduz-se como *tempo favorável*, *tempo da graça* em que Deus penetra na história (e no tempo) e atua nela. Já o *instante escatológico*, ele percebe como um movimento do futuro de Deus ao nosso presente. É o eterno que *vem* no tempo e antecipa-nos, escatologicamente, o futuro (para nós). Esta orientação é bem desenvolvida por ele na seguinte obra: MOLTSMANN, J. *A vinda de Deus*, p. 314-318.

⁹ Cf. PANNENBERG, W. *Teologia sistemática*, p. 790, v. 3.

¹⁰ Cf. MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança*, p. 32.

¹¹ *Ibid.*, p. 33.

¹² *Ibid.*

sua volta. Sua força produz um sentido e este sentido deve trazer consequências na sociedade em que estamos inseridos. Não se propõe um novo mundo, separado deste, mas um “*novo*” para este mundo, onde o presente é alimentado pelo futuro prometido.

Basicamente, estamos falando do discurso *performativo* pelo qual se entende a escatologia na atualidade¹³, quando este futuro, apresentado por Deus, implica-se na realidade histórica de maneira a transformá-la. A atenção não se concentra mais nas *coisas últimas* e, sim, no *último*, no futuro absoluto, em Cristo, no *Éschaton*. Como atesta Von Balthasar, Cristo é a personificação das coisas últimas, com ele a história ganha um novo sentido e se constrói a partir desta esperança¹⁴.

Com efeito, é necessário tirar “consequências para um novo modo de pensar e agir com referência às coisas e às relações deste mundo”¹⁵. É o que já apareceu também, de modo mais incisivo, no Concílio Vaticano II (1962-1965), que em sua Constituição pastoral *Gaudium et spes* apresenta um forte conteúdo escatológico, bem em consonância com a nossa reflexão sobre as consequências e o novo modo de pensar e agir: “a pessoa deve ser salva e a sociedade, consolidada” (GS n. 3c). A proposta de salvação, a proposta de vida e plenitude, próprias da fé e esperança cristãs devem atingir o mundo de maneira concreta, carregadas da experiência amorosa e criadora de Deus que vem a este mundo e nos preenche com sua presença. Desta forma, motivados por este encontro e fortalecidos por este espírito de amor criativo, o ser humano – portador da

¹³ Além das obras de Moltmann que tratam da escatologia neste viés e que aparecerão no decorrer do nosso trabalho, destacamos aqui outras obras e autores, que tivemos acesso, que tratam da Escatologia no contexto atual: BARBAGLIO, G.; DIANICH, S. *Nuovo dizionario di teologia*, p. 382-411; NOCKE, F.-J. Escatologia, p. 339-426; VORGRIMLER, H. Escatologia/juízo, p. 229-235; LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. *Escatologia cristã. O Novo Céu e a Nova Terra*, 1985; RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, p. 498-516; Id. *O morrer cristão*, 1984, p. 233-259; RATZINGER, J. *Escatologia: La muerte y la vida eterna*, 1984; LEPARGNEUR, H. *Esperança e escatologia*, 1974; BLANK, R. *Escatologia do mundo*, 2001; Id. *Escatologia da pessoa*, 2000; BOFF, L. *Vida para além da morte*, 2010; Id. *A nossa ressurreição na morte*, 1997; Id. *O destino do homem e do mundo*, 1991; KEHL, M. *Escatología*, 1992; Id. *O que vem depois do fim? Sobre o ocaso do mundo, consumação, renascimento e ressurreição*, 2001; SCHMAUS, M. *A fé da Igreja*, 1977; Id. *Le ultime relalità*, [?]; BOFF, Lina. A fé na comunhão dos santos, p. 25-47; Id. Da Protologia à Escatologia, p. 111-129; Id. Índole escatológica da igreja peregrinante, p. 9-31; TORNOS, A. *Escatologia I*, 1991; Id. *Escatologia II*, 1991; ALTOBELLI, R.; PRIVITERA, S. *Speranza umana e speranza escatológica*, 2004; LA PEÑA, J. L. R. *La pascua de la creacion*, 2000; Id. *La otra dimension: Escatología cristiana*, 1986; dentre outras. Algumas destas obras poderão aparecer no decorrer de nosso trabalho de maneira mais precisa.

¹⁴ Cf. TAMAYO-ACOSTA, J.-J. Escatologia cristã, p. 223.

¹⁵ MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 50.

esperança cristã – sente que tem algo a dizer a este mundo e esta palavra – quando proclamada – deve ser edificante para a sociedade em que ele vive.

Em seguimento ao nosso raciocínio, entramos no segundo ponto que queremos focar nesta introdução: este futuro de Deus que é anunciado na missão da esperança cristã e que é bem fundamentado por toda a tradição eclesial, a partir da mensagem salvífica de Jesus Cristo ocorre aonde, quando, de que forma, como? Para quem ele se destina? Esta não pode ser uma reflexão apenas dogmática, mas ela deve estar alicerçada no contexto em que vive hoje a sociedade, a fim de produzir também consequências teológicas e práticas. A palavra da promessa deve encontrar a eficácia para a qual se propõe. A presença de Deus recebida no mundo é transformadora, mas também é comprometedora. Por essa razão temos a intenção de falar sobre o futuro de Deus na missão da esperança cristã e também sobre as suas consequências teológicas.

A promessa de um futuro com Deus, que percorre toda a tradição bíblica, alimenta-se das esperanças atuais próprias de uma época; ela responde as interpelações e as fortalece com um conteúdo de promessa viva e atuante. Assim, a esperança sentida e vivida em nosso contexto deve apresentar também resultados consequentes. Somente quando a esperança cristã encontra espaço no cotidiano das pessoas é que ela se torna relevante e é capaz de propor uma práxis que seja correspondente¹⁶.

Para responder a estas interpelações de modo autêntico e com significado para os dias atuais, é necessário entender a sociedade na qual estamos vivendo, saber a sua história, a sua origem, os seus sonhos, as suas esperanças, as suas tristezas e as suas angústias. Perguntamos: que esperança move a sociedade hoje, o que as pessoas esperam, qual é o *locus* da esperança? Entendemos que, a esperança é vivida dentro deste mundo e não fora dele, ela não está inerente a sociedade, mas a movimenta e a constrói. Todavia, quando falamos em sociedade hoje temos que entender que ela se apresenta de modo bastante diverso, plural e com múltiplas faces. No fundo, toda esta proposta que queremos apresentar sobre o futuro de Deus na missão da esperança cristã deve atender a uma realidade própria de sociedade, algo em que ela possa se assegurar verdadeiramente, caso

¹⁶ Indicamos o autor Medard Kehl que na sua obra sobre escatologia faz um questionamento sobre a responsabilidade da esperança cristã para o mundo de hoje, tentando localizar nas práticas atuais o conteúdo do Reino de Deus apresentado por Jesus: KEHL, M. Op. cit., p. 213-214.

contrário ela perde a sua importância e teremos um discurso vazio, sem pertinência e relevância.

Por esta razão, trataremos o nosso trabalho, de maneira mais específica, dentro do contexto latino-americano atual, que é onde estamos inseridos e de onde falamos. O que não significa que com isso o restante do globo ficará de fora da nossa reflexão. Tal concepção não é mais possível no mundo contemporâneo, uma vez que hoje em dia tudo está globalizado e as relações intrínsecas da sociedade subsistem tanto num lugar como no outro. Os novos fenômenos modernos e pós-modernos e as consequências resultantes destes contextos têm impacto direto na vida da sociedade e na vida cristã, portanto, merecem ser visitados e compreendidos para acentuar a eficácia do discurso. Contudo, não faremos uma análise sociológica da realidade, partiremos de conceitos e propostas já definidos e vivenciados.

A opção por focar o nosso estudo dentro desta realidade específica tem a intenção de levantar pontos mais concretos e, assim, responder aos devidos anseios humanos de maneira mais eficaz. Temos claro que, o futuro de Deus é apresentado a um ser humano concreto e real, que está inserido dentro de um contexto determinado. Este ser humano, por sua vez, responderá a esta revelação dentro de sua especificidade e de sua subjetividade. Aí é que se encontra a sua esperança e é daí que se desenvolve a sua missão. Podemos dizer que “há no coração humano uma esperança para além do que se espera”¹⁷, que pode, portanto, dar um sentido a ele. Mas é certo que este mais além tem de partir de um lugar determinado, de um ponto certo, onde, à luz da fé, ilumina-se o presente para um novo horizonte. A esperança cristã “toma seu ponto de partida em uma determinada realidade histórica e prediz o futuro da mesma, suas possibilidades futuras e sua eficácia futura”¹⁸.

Esta reflexão nos conduz ao subtítulo do nosso trabalho: *um estudo da escatologia na Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann em aproximação com a Teologia Latino-Americana da Libertação no contexto atual*.

Vejamos o que se segue desta perspectiva.

Para aprofundar a temática do nosso trabalho de pesquisa sobre *o futuro de Deus na missão da esperança cristã* nós utilizaremos a obra “*Teologia da*

¹⁷ RIBEIRO, H. *Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?*, p. 151.

¹⁸ MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 31.

Esperança” (*Theologie der Hoffnung*) de Jürgen Moltmann, de 1964¹⁹. O contexto em que esta obra foi escrita retrata as mudanças políticas, culturais, teológicas e religiosas da década de 60, do século XX. Já a pertinência para o nosso tema em questão vem do fato do próprio autor colocar o tema do futuro de Deus como tarefa principal da teologia hodierna, como objeto teológico da esperança cristã²⁰. Outro fator vem do fato de Moltmann trabalhar a temática da esperança em toda a sua teologia, mas sempre num viés público, reforçando o conteúdo da esperança com a realidade apresentada. Este é um ponto. No entanto, fazer um estudo a partir da Teologia da Esperança – na atualidade e no nosso contexto – vai exigir de nossa parte uma nova contextualização, respeitando os conteúdos e o ponto de vista do autor (dentro de seu contexto e situação teológica), mas abrindo diálogo a partir da nossa realidade, como já apontamos acima, na ótica latino-americana em que estamos inseridos²¹.

Outro fator favorável e relevante desta pesquisa vem do fato de o continente latino-americano produzir uma teologia própria, expressiva, a partir do seu contexto, condizente com a sua realidade, entendida por nós aqui como “*Teologia Latino-Americana da Libertação*”²². Num primeiro olhar, esta intenção

¹⁹ Para as referências que vão se seguir neste trabalho sobre a *Teologia da Esperança*, nós estaremos utilizando a tradução brasileira da Loyola e Teológica, edição de 2005: MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança*, 2005. Junto a esta edição, quando se fizer necessário, estaremos analisando também a obra no seu idioma original. Para tanto, utilizaremos a edição da Gütersloher Verlagshaus: MOLTSMANN, J. *Theologie der Hoffnung*, 2005. Na bibliografia final apresentamos as obras de Moltmann que tivemos acesso em nossa pesquisa, bem como, diversas publicações sobre o autor e sobre a Teologia da Esperança.

²⁰ Cf. *Ibid.*, p. 30.

²¹ O próprio autor, Jürgen Moltmann, em sua visita ao Brasil em 2008, deixou uma obra que traduz um pouco esta atualização: MOLTSMANN, J. *Vida, esperança e justiça. Um testamento teológico para a América Latina*, 2008.

²² A opção de utilizar a expressão *Teologia Latino-Americana da Libertação* tem a intenção de identificar qual é a linha da teologia latino-americana que estamos apresentando no percurso deste trabalho, sabendo de antemão que não é a única expressão que aqui se encontra, embora seja aquela que mais se desenvolveu e assimilou os valores deste continente, dialogando com outras correntes e manifestações teológicas globais e caminhando sempre do particular para o universal. É uma teologia que começa a sua reflexão na base, dentro da prática e experiência de fé do próprio povo que “clama” e “grita” por libertação. O teólogo que aí se encontra passa a “ver” e a “ouvir” o contexto a partir de dentro, pois está inserido e compartilha da mesma visão e experiência. Nesta *kénosis* (que ele faz), o teólogo ilumina esta realidade aos olhos da fé e faz o seu discernimento teológico, conduzindo a teologia a uma prática pastoral determinada. Outro ponto que nos leva a falar de Teologia Latino-Americana da Libertação decorre do fato de que a Teologia da Libertação (TdL) em si foi um movimento que tomou outros caminhos além da América Latina, sendo identificadas também em outros continentes, culturas e denominações religiosas. Dentre essas diversas *Teologias* da Libertação destacamos a TdL Indígena, a TdL Negra (existente tanto na América Latina e América do Norte, como também em um aspecto particular nos países africanos), a TdL Hispana (EUA), a TdL Feminista (em alguns casos), a TdL Asiática etc. Uma boa apresentação destas teologias se encontra na seguinte obra: TAMAYO, J-J. *Teologias da Libertação*, p. 820-827. O teólogo de nosso estudo – Jürgen Moltmann – também reflete em uma

em si não traz novidade, pois muitos teólogos da libertação tiveram uma aproximação significativa com a Teologia da Esperança de Moltmann em diversas ocasiões²³; há aqui, de certa forma, uma influência. Mas, por outro lado, há um reflexo desta teologia latino-americana na teologia de Moltmann, que a partir do contato com esta nova realidade e vendo um discurso onde a esperança exige a práxis, tece um novo tom à sua teologia, dando mais importância à realidade contextual em si. Fato que pode ser percebido no debate que ocorreu em torno da Teologia da Esperança e nos escritos posteriores do autor, como também nos seus discursos atuais que sempre tentam ver num quadro de esperança coletiva um

de suas obras sobre os diversos reflexos de uma teologia libertadora em âmbito de teologia global: MOLTMAN, J. *Experiências de reflexão teológica*, p. 157-251. O Fórum Mundial de Teologia e Libertação (FMTL) que todos os anos acompanha o Fórum Social Mundial é uma prova dessa pluralidade na teologia e responde bem ao fato desta temática ter encontrado espaço de reflexão e de assimilação em outras partes do mundo. Este FMTL foi criado a partir de uma ideia em 2003, durante o Fórum Social Mundial que ocorreu na cidade de Porto Alegre/Brasil. O FMTL teve a sua primeira edição em 2005 na cidade de Porto Alegre no mesmo momento em que ocorria o Fórum Social Mundial, aproveitando os mesmos discursos e o mesmo momento, digamos assim, *kairológico*. Em 2007, o encontro aconteceu em Nairóbi/Quênia, ampliando o discurso a um tom mais internacional e abrangendo ainda mais outras formas de teologia que se entendem também com um caráter libertador. Em 2009, o evento aconteceu na cidade de Belém/Brasil e, em 2011, retornou ao continente africano na cidade de Dakar/Senegal. Tradicionalmente, o evento sempre acompanha o Fórum Social Mundial. Dentre as produções que se seguem do evento, destacamos a de 2006: SUSIN, L. C. (Org.). *Teologia para outro mundo possível*, 2006. Maiores informações sobre o FMTL podem ser encontradas no site da organização: <<http://www.wftl.org>>. Vale apontar também a Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, fundada em 1976 na Tanzânia (ASETT/EATWOT). Maiores informações sobre esta associação no site da organização: <<http://www.eatwot.org>>. Destacamos, também, a AMERÍNDIA com início em 1978 e que tem um teor mais cristão e católico, mais próxima à realidade da Teologia da Libertação do continente latino-americano. Maiores informações: <<http://www.amerindiaenlared.org>>. Em nível de Brasil, destacamos a SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião), fundada em 1985, que não é, especificamente, uma associação da Teologia da Libertação, mas teve a sua importância no consolidar do discurso teológico no Brasil e, também, é fruto da influência desta teologia em todo este continente. Disponível em: <<http://www.soter.org.br>>. De maneira mais específica para o conjunto do nosso trabalho, temos a intenção de favorecer um diálogo aproximativo com a Teologia da Libertação nas suas origens latino-americanas, no seu contexto popular, eclesial e acadêmico. Nas palavras de Leonardo e Clodovis Boff: uma teologia com caráter “profissional, pastoral e popular”. BOFF, L.; BOFF, C. *Como fazer Teologia da Libertação*, p. 25-40. Mais detalhes sobre esta teologia serão desenvolvidos no capítulo 4 deste trabalho.

²³ Isso pode ser encontrado logo no início com Rubem Alves e com Gustavo Gutiérrez. Rubem Alves apresenta um diálogo mais duro, mais provocativo com Moltmann. Já Gutiérrez procura na teologia de Moltmann fundamentos para caracterizar a esperança, mas ressalta também diferenças. O mesmo acontece com Hugo Assmann e demais teólogos da libertação. Indicamos: ALVES, R. *Teologia della speranza umana*, 1971; GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: perspectivas*, 2000; ASSMANN, H. *Teología desde la praxis de la liberación*, 1973. Os demais autores que seguiram na Teologia da Libertação mantiveram ou ampliaram este diálogo, não para defender aspectos particulares de uma ou da outra, mas para atender um aspecto público da teologia, no qual a esperança tem a sua particularidade. Este ponto será trabalhado de modo mais aprofundado no capítulo 4.

horizonte mais próximo da realidade dos empobrecidos e das condições periféricas²⁴.

Esta aproximação entre as duas teologias pode ocorrer por haver pontos comuns entre ambas e por comungarem de um mesmo propósito, a partir da concepção de futuro de Deus revelado na missão da esperança cristã, entendido também sob o conteúdo de Reino de Deus como ação histórica. A novidade que pode ser apresentada nesta aproximação entre as duas teologias diz respeito ao nosso contexto atual, que, seguramente, não é o mesmo do início da Teologia Latino-Americana da Libertação e nem o mesmo do surgimento da Teologia da Esperança, mas sim no modo como se dá a missão desta esperança hoje, bem como às suas consequências teológicas. O interesse que temos em falar sobre as consequências decorre do tom que se exige da escatologia no contexto atual (performativa), contudo não entraremos no que diz respeito à Teologia Pastoral.

Dentro desta linha de raciocínio, observamos que a atual sociedade apresenta-nos obstáculos e desafios para a implantação do Reino de Deus (tema fundamental para a teologia e muito debatido nas duas correntes teológicas que pretendemos estudar), que é a forma expressa do futuro de Deus revelado a nós por Jesus Cristo. Estas situações hodiernas, muitas vezes, persistem de outros tempos, ou surgem através de um conflito novo (novos paradigmas), devido a novas circunstâncias trazidas pela contemporaneidade. Diante dessas interpelações a teologia oferece uma resposta e, a esperança cristã sente-se desafiada, pois ela se destina a um futuro e a fé cristã vive dessa esperança. Trata-se de uma força que vem transformar a realidade apresentada, confrontando o discurso de um *futuro novo* (O futuro de Deus) com uma *práxis correspondente* (a missão da esperança cristã).

²⁴ Sobre o debate em torno da Teologia da Esperança, consultar: MARSCH, W-D.; MOLTSMANN, J. *Discusión sobre teologia de la esperanza*, 1972. Sobre os próximos escritos que tiveram esta influência, destacamos: MOLTSMANN, J. *El Dios crucificado*. Salamanca, 1975. MOLTSMANN, J. *La Iglesia fuerza del Espiritu: hacia una ecclesiology mesiánica*, 1978. Estas duas obras citadas somam-se a *Teologia da Esperança* e constituem o que se chama de “Trilogia Moltmaniana”, pois respondem a questões levantadas na obra inicial. Na obra *O Espírito da vida*, Moltmann traz comentários sobre a ação libertadora da teologia, mediante a ação do Espírito. Ver: MOLTSMANN, J. *O Espírito da vida*, p. 101-140. As demais obras de sua carreira teológica sempre tiveram um diálogo maior com o mundo em geral, aproximando-se de diversas realidades. Para o autor este é um caminho que foi percorrido pela própria Teologia da Esperança, que na maioria das partes onde foi apresentada, sua esperança foi traduzida por ação. Quando trabalharmos o autor e a sua teologia, estas obras aparecerão como referências de estudo. Este ponto será trabalhado de modo mais aprofundado nos capítulos 3 e 4 deste trabalho.

Em se tratando do contexto latino-americano surgem novas realidades políticas, sociais, culturais e religiosas que evocam um novo momento para o anúncio desta esperança. Para compreender este novo momento deveremos considerar a correspondência existente entre a esperança cristã e a situação cristã atual, levantando as diversas variantes que surgem e que contextualizam a nossa sociedade e o que ela espera. Tentaremos expor uma concepção de esperança que seja válida no contexto atual, sem ter a pretensão de que seja a única. Perguntamos: Como entender o futuro de Deus na missão da esperança cristã, à luz da concepção de esperança apresentada pelo autor em questão, neste caso, Jürgen Moltmann? Qual é o sentido que move a atual sociedade, de modo especial a sociedade latino-americana a ter esperança num futuro que se apresente com vida e plenitude? Quais são os fundamentos que a Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann nos oferece para responder às hipóteses da nossa tese e que podem num segundo momento ter aproximações com a teologia latino-americana, a partir da concepção de esperança que o autor nos apresenta?

Acreditamos que as respostas que vão emergir destas perguntas poderão oferecer consequências teológicas construtivas para a sociedade atual e para a própria teologia, que necessita cada vez mais fortalecer-se como um discurso público, fundamentado e coerente, projetando no horizonte da nossa missão o futuro de Deus, e neste futuro o nosso encontro definitivo com Deus. Fazemos nossas as palavras de Moltmann que diz: “Uma ação criadora a partir da fé é impossível sem um novo pensamento e uma nova projeção a partir da esperança”²⁵.

Tendo feita esta apresentação, caminhamos agora para o percurso do nosso trabalho.

Para contextualizar o tema que nos propomos a desenvolver e, antes de entrarmos na abordagem que a teologia de Moltmann nos favorece, optamos por fundamentar o tema teologicamente. Para nós, esta é uma parte importante, pois vai de encontro com o que se sustenta dentro do horizonte da fé cristã e já está fortalecido pela reflexão teológica. Deste modo, primeiramente, faremos uma exposição teológica sobre o futuro de Deus na missão da esperança cristã, distinguindo o que se entende por este futuro e, dentro desta definição, apontar

²⁵ MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 53.

qual é o Deus que esperamos na nossa fé e que nos faz viver em esperança. Descortina-se aí a perspectiva da promessa do Reino de Deus que nos contempla com vida em plenitude, fortalecida pela experiência e prática de Jesus, na qual devemos nos apoiar. Em resposta a estas questões, discernimos sobre a missão que decorre deste futuro revelado e apontamos qual é a esperança cristã que o acolhe e caminha, em missão, na sua direção. Questionamos o *lócus* da esperança no nosso contexto e os desafios da atual sociedade, compreendida em âmbito global, mas com uma atenção especial à realidade latino-americana, na qual estamos inseridos. Trata-se do capítulo 2 do nosso trabalho.

O nosso próximo passo, no capítulo 3, é apresentar a escatologia que se desenvolve na Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann e que perpassa pela vida do autor e por sua teologia, com forte influência no pensar teológico contemporâneo. Constatamos que, o autor propõe um novo *logos* para a escatologia, focado no horizonte da esperança. Esta esperança que o autor desenvolve na sua teologia parte, antes de tudo, de uma experiência pessoal do próprio autor, sentida desde a sua juventude, quando era prisioneiro de guerra em campo de concentração. Neste momento, em meio a mortes e tragédias, ele se encontra com a esperança e na esperança encontra-se com Deus e, deste encontro íntimo, profundo e especial, parte todo o seu discurso teológico, produzido sempre contextualmente. Passando pela experiência pessoal do autor, caminhamos para a sua obra, que é aonde nos debruçaremos para aprofundar a sua noção de esperança. Destacamos aqui os fundamentos e reflexões de sua *Teologia da Esperança* e a maneira como esta teologia pode tornar-se atual nos dias de hoje. Ressaltamos, porém, que o nosso foco estará dirigido para o contexto da obra, onde acreditamos que estão os fundamentos basilares da sua teologia. Serão destes fundamentos que partiremos para a aproximação e uma nova atualização da mensagem. As obras recentes do autor e demais reflexões que acarretam o seu caminhar nos servirão de suporte para fortalecer a nossa temática.

No capítulo 4 estenderemos uma reflexão sobre a Teologia Latino-Americana da Libertação, nosso ponto de aproximação. Começaremos com os dados históricos e teológicos de seu nascimento e como se desenvolvem as suas estruturas, caracterizadas dentro de uma teologia da práxis. Para tanto, é importante saber o seu método e o contexto de onde parte o seu raciocínio, no seu caso específico, do contexto do pobre. A partir destes aprofundamentos

levantaremos o modo como a Teologia Latino-Americana da Libertação acolheu os fundamentos da Teologia da Esperança, a maneira como ela aplicou em seu discursar a novidade escatológica que surgia naquele período da década de 60 do século XX; contexto, notoriamente, distinto da América Latina. Este contato também teve um sentido inverso, pois Moltmann (e sua teologia) também teve uma recepção da Teologia Latino-Americana da Libertação e procurou, a seu modo, captar a mensagem transmitida e formalizar no seu labor teológico que a esperança, fortalecida na fé, exige a práxis.

Nesta última parte, capítulo 5, resgataremos os pontos que foram levantados pelas duas teologias e faremos uma aproximação entre elas, lançando-as agora num contexto determinado, próprio da missão. É quando fecharemos o nosso raciocínio teológico neste trabalho, apontando as consequências teológicas desta visão escatológica que trata do futuro de Deus na missão da esperança cristã. Para tanto, todos os elementos que foram focados e fortalecidos nos capítulos anteriores nos servirão de base e de sustentação.

Desta maneira, um estudo sobre *o futuro de Deus na missão da esperança cristã* encontrará *relevância* na teologia atual, principalmente, por resgatar as mais profundas aspirações que o ser humano é capaz de produzir a partir do futuro que lhe é revelado por Deus: “Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo, e ele, *Deus-com-eles*, será o seu Deus” (Ap 21,3). Este futuro revelado provoca no ser humano um sentimento de esperança, através do qual “toda a ação séria do homem é esperança em ato”²⁶. Além disso, a esperança cristã é sempre, essencialmente, uma esperança para os outros. Ela se coloca em missão, a serviço daquilo que é prometido. Somente quando ela é vista desta maneira, no campo da missão, é que ela torna-se, também, esperança individual²⁷.

A pertinência e a relevância desta pesquisa encontram-se também no fato de percorrermos este caminho audacioso na perspectiva de um grande autor, neste caso, Jürgen Moltmann. Dentre os teólogos contemporâneos, ele é um dos autores que mais se debruçou sobre o presente tema, *re-ordenando* toda a teologia na perspectiva da esperança, como novo *lógos* escatológico. No momento em que nós situamos o autor em sua trajetória, percebemos que sua história de vida e sua carreira teológica surgiram mediante este tema. A esperança foi a única força

²⁶ BENTO XVI. Op. cit., p. 53.

²⁷ Cf. Ibid., p. 77.

capaz de mantê-lo vivo durante grande período de cativeiro num campo de concentração (*Norton Camp*, Inglaterra) e, ainda hoje, num momento de maior serenidade, ainda continua conduzindo o autor para “novas aventuras” (expressão que ele usa) dentro do infinito universo teológico.

Assim sendo, caminharemos na hipótese estabelecida tendo como base este autor e sua obra, aproximando a escatologia que se desenvolve em sua Teologia da Esperança da Teologia Latino-Americana da Libertação, dentro do contexto atual. Tendo isso claro, nós acreditamos que as consequências teológicas que tiraremos desta reflexão serão eficazes para a sociedade hodierna, bem como, para a teologia atual.

Falar de esperança na atualidade é falar de um tema teológico precioso, que encontra eco no coração de todo aquele que vive de esperança. É Deus que vem com seu futuro; e nós, em sua direção, caminhamos em missão.